

**ENTRE FILHOS E ORFÃOS  
DA CIBERCULTURA:  
revisitando a noção de  
nativos digitais**

AMONG CHILDREN AND  
ORPHANS OF CYBERCULTURE:  
facing the digital natives concept

ENTRE LOS NIÑOS Y HUÉRFANOS  
DE LA CIBERCULTURA: revisando  
el concepto de nativos digitales

**Gilson Cruz Junior**<sup>1, 2</sup>

**RESUMO**

Este ensaio se propõe a problematizar a noção de nativos digitais, discutindo seus limites e possibilidades no tocante ao entendimento acerca das identidades e dos perfis sociocognitivos dos jovens e crianças da contemporaneidade. Para isso, além de recorrer ao diálogo com a literatura competente, esboça as principais especificidades dos processos de construção identitária na era da comunicação ubíqua e das culturas globais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Mídias; Nativos Digitais; Educação.

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professor adjunto no Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (ICED/UFOPA). E-mail: [gijao05@hotmail.com](mailto:gijao05@hotmail.com).

<sup>2</sup> Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação (ICED). Avenida Marechal Rondon - de 1894/1895 a 2557/2558, Aparecida, CEP: 68040-070 - Santarém, PA – Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p837>

### **ABSTRACT**

This essay problematizes the notion of digital natives, discussing their limits and possibilities regarding the understanding about the identities and sociocognitive profiles of the youth and children of the contemporary world. In order to do this, besides resorting to dialogue with the competent literature, it outlines the main specificities of the processes of identity construction in the era of ubiquitous communication and global cultures.

**KEYWORDS:** Identity; Media; Digital Natives; Education.

### **RESUMEN**

Este documento tiene la intención de problematizar el concepto de nativos digitales, discutiendo sus límites y posibilidades con respecto a la comprensión de las identidades y perfiles socio-cognitivos de los jóvenes y niños de la contemporaneidad. Por lo tanto, además de recurrir al diálogo con la literatura pertinente, se exponen las principales características de los procesos de construcción de identidad en la era de la comunicación ubicua y culturas globales.

**PALABRAS-CLAVE:** Identidad; Medios de comunicación; Nativos digitales; Educación.

Recebido em: 11.01.2017. Aceito em: 11.10.2017. Publicado em: 01.01.2018.

## **Introdução**

O surgimento e disseminação das tecnologias digitais de informação e comunicação são fenômenos que vem despertando o interesse de inúmeros setores da sociedade, entre os quais, figura o campo acadêmico. Nesse contexto, para além das evidentes promessas de avanço e redenção, também tem se destacado uma miríade de questionamentos e problemática que, no geral, incidem sobre os impactos causados pelas mídias na sociedade contemporânea. Essa perspectiva tem implicado no reconhecimento de que na esteira de novos implementos técnicos e operacionais costumam vir também uma série de impactos culturais.

Dentre os principais desdobramentos da chamada cultura digital, encontram-se as transformações ocorridas no plano dos processos identitários, os quais podem ser considerados decisivos na configuração dos esquemas psíquicos e comportamentais mobilizados pelos indivíduos em seu cotidiano. Frente à necessidade de identificar ou mesmo construir as chaves de leitura mais adequadas para um cenário prenhe de complexidade, novas expressões e terminologias têm sido criadas por autores e estudiosos filiados a diferentes áreas do conhecimento. A despeito da singularidade de cada campo do saber, é forçoso destacar a centralidade adquirida por uma ideia que perfurou as fronteiras de diversas disciplinas, sobretudo aquelas que se inscrevem no âmbito das ciências humanas e sociais: trata-se da noção de nativos digitais.

Diante da diante de sua (insistente) popularidade e seu caráter precursor, este ensaio teórico se propõe a abordar a referida ideia, na tentativa de esboçar alguns de seus pontos elementares, bem como as insuficiências que apresenta no que tocante à compreensão dos perfis sociocognitivos em ascensão na sociedade hodierna. Antes disso, serão discutidas as relações entre identidade, cultura e comunicação, conceitos essenciais para um entendimento mais sólido

acerca das nuances e pontos cegos de noções como nativos digitais e demais vocábulos imbuídos de pretensões explicativas sobre as novas (e antigas) gerações.

### **Identidade, cultura e comunicação**

“A comunicação eletrônica instantânea não é apenas um meio pelo qual notícias ou informações são transmitidas mais rapidamente. Sua existência altera a própria estrutura de nossas vidas, quer sejamos ricos ou pobres. Quando a imagem de Nelson Mandela pode ser mais familiar para nós que o rosto do nosso vizinho de porta, alguma coisa mudou na natureza de nossa experiência cotidiana.”

(ANTHONY GIDDENS<sup>3</sup>)

O conceito de identidade está longe de ser unívoco ou mesmo consensual no âmbito acadêmico. Em geral, suas origens e principais inserções remetem a diferentes disciplinas que gravitam entre os domínios das ciências humanas e sociais: da Psicologia, com seu enfoque na dimensão mental da constituição do sujeito, à Sociologia e Antropologia, cujo interesse se volta aos processos de configuração e organização social de grupos específicos e seus respectivos comportamentos, assim como do papel das instituições em sua manutenção. Em boa medida, é justamente essa diversidade que torna os debates sobre a identidade um terreno fértil para todo o tipo de atrito, afastando-os cada vez mais de respostas e modelos analíticos definitivos.

Em meio a essa instabilidade, vimos como interessante a perspectiva de Stuart Hall (2006), cujas contribuições contemplam aspectos gerais da construção identitária, tangenciando, pela via dos processos culturais, os aspectos subjetivos e sociais de sua composição. De início, o autor esclarece que este esforço se insere num contexto de transição paradigmática, no qual

---

<sup>3</sup> (GIDDENS, 2007).

ideias e premissas que tem historicamente regido a definição do termo encontram-se em intensa revisão. Em certo sentido, afirma ele, isto se deve à sobreposição de importantes rupturas epistemológicas<sup>4</sup> que, entre outros desdobramentos, tem abalado a hegemonia das noções iluminista e sociológica de sujeito. Hall argumenta que, enquanto estas concepções, no geral, conferem à unidade e estabilidade o posto de eixos sustentadores das identidades subjetivas e sociais, na modernidade tardia, tais princípios cedem espaço à fragmentação e à descentração.

Naturalmente, esta transformação não se deve unicamente à ascensão de novos fundamentos teórico-conceituais, mas igualmente à consolidação de novas formas sociais que escancaram a pluralidade de referências intrínseca aos mecanismos de socialização contemporâneos:

As sociedades da modernidade tardia [...] são caracterizadas pela 'diferença': elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes 'posições de sujeito' – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é por que elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta (HALL, 2005, p. 17).

Se em outrora fatores como a classe socioeconômica e a filiação a um determinado estado-nação foram preponderantes nesse tipo de determinação, hoje, essas mesmas dimensões dividem, quase nunca de maneira harmônica,

---

<sup>4</sup> Entre as principais contribuições para este movimento de desconstrução, o autor enuncia: a crítica ideológica de Karl Marx; a arqueogenealogia de Michel Foucault; a psicanálise de Sigmund Freud; a ideia de língua como sistema social, lançada por Ferdinand de Saussure; e as lutas sociais do movimento feminista – que embora não seja uma corrente necessariamente “teórica”, promoveu grandes rupturas no que se refere à dualidade entre o público e o privado, ao escancaram a lógica opressora vigente no interior dos lares, tornando as relações domésticas, antes entendidas como fração íntima da vida dos indivíduos, parte da esfera e das lutas políticas.

espaço com os novos papéis sociais trazidos à baila no jogo das identidades. A princípio, os novos lugares reconhecidos por esta expansão estão associados a fatores como gênero, sexualidade e etnia. De todo o modo, dependendo do contexto de inserção dos indivíduos em questão, outras variáveis podem entrar em ação<sup>5</sup>. Embora exija um trato mais cuidadoso, atento às várias raízes do processo, interessa-nos pensar sobre um aspecto específico que se revela fortemente implicado na configuração deste cenário: a globalização.

Apesar da crescente visibilidade adquirida ao longo das últimas décadas, sabe-se que a globalização não é um fenômeno tão recente quanto as suas discussões dão a entender. Como admite o próprio Hall (2006), a expansão global é um princípio intrínseco à lógica do capitalismo, e como tal, há indícios de que ela está em marcha desde a formação do referido modo de produção. A esse respeito, Octávio Ianni (2001) esclarece que a economia política é um dos pilares que sustentam a globalização: movido pelo impulso de acumulação do capital, este processo se alimenta da integração assimétrica entre mercados de grande e pequeno porte, perfurando as fronteiras dos estados nacionais e abrindo caminhos para o intercâmbio (parcial, irregular ou mesmo unilateral) de mercadorias provenientes de diferentes regiões do mundo. O autor ressalta que, embora apareça sob a aura de novidade, a afirmação das economias-mundo se inspira em ideários expansionistas, tais como o colonialismo, o imperialismo e o mercantilismo, que já remontam aos primórdios da modernidade – ou mesmo, ao próprio início da vida civilizada.

---

<sup>5</sup> Segundo Canclini (2009), aspectos como grau de instrução (analfabeto/escolarizado/graduado), nível etário (criança/jovem/idoso) e localização (urbana/rural), também têm se mostrado muito influentes nos estudos mais recentes envolvendo a questão do multiculturalismo.

Base para o estabelecimento de acordos transnacionais, a ampliação das malhas comerciais entre países foi – e ainda é – um processo fortemente atrelado às condições técnicas para a produção e circulação de mercadorias. A princípio, ao tornar viável a utilização de máquinas e veículos de transporte mais eficientes, a descoberta de novas formas de energia, traço marcante das diferentes etapas da Revolução Industrial, foi o pontapé inicial para tal reordenamento no plano das dinâmicas de troca. Por meio dela, as relações entre tempo e espaço adquiriram um novo status, no qual, o mundo se apequena no compasso do avanço técnico-científico.

Diante dessas informações, pode-se entender o porquê de estudiosos como Roger Silverstone (2005) sugerirem cautela ao discorrer sobre os marcos históricos associados à suposta gênese da globalização. Segundo ele, não é seguro atribuir a responsabilidade pela intensificação deste movimento a um conjunto restrito de fatos recentes, desconsiderando a complexa trama de determinações que nos remete a um passado não tão próximo. Mesmo assim, também não nega o papel vital cumprido pelas tecnologias ao longo dessa trajetória:

Transporte e comunicação. Viagem, comércio e império. Ferrovia, telégrafo, telefone, rádio, cinema, televisão, Internet, unindo modernidade e globalização: do vapor às válvulas, aos transistores, aos chips. Um processo contínuo de dominação, extensão e abstração, à medida que a tecnologia progressivamente reduz o globo. O que agora definimos como globalização e o que agora anunciamos como um admirável mundo novo liberado pelas maravilhas do eletrônico e do digital têm uma história. Uma história da máquina, uma história das instituições e indústrias que cresceram em torno da máquina e uma história das coisas, das pessoas, das notícias, das imagens, das idéias, dos valores que eram transmitidos pela máquina. E, pelo fato de a globalização ter uma história, devemos ter o cuidado de não a atribuir exclusivamente à condição pós-moderna. (SILVERSTONE, 2005, p. 198-199).

Além de ressaltar o papel fundamental cumprido pelos recursos técnicos de baixa sofisticação, esta passagem também nos provoca a pensar sobre as funções desempenhadas pelos aparatos comunicativos no tocante ao ensejo às transações de nível planetário. Nesse sentido, presume-se que as distinções entre meios de “comunicação” e meios de “transporte” não parecem tão evidentes. Pelo menos assim atestam Michèle e Armand Mattelart (1999), ao declarar que, desde a segunda metade século XVIII, período em que o liberalismo econômico ganha fôlego na cena europeia, ambos os sistemas têm exercido função central na unificação e no fortalecimento das economias (inter)nacionais. Inspirado na mecânica de funcionamento do corpo humano, este modo de organização se destaca pela importância que dá à coordenação rigorosa entre os trabalhos desempenhados por diferentes setores – entendidos como “órgãos” e “aparelhos” – em prol da integridade e prosperidade do estado-nação (o organismo):

Neste sistema total, a comunicação é componente básico dos dois aparelhos “orgânicos”, o distribuidor e o regulador. À imagem do sistema vascular, o primeiro (estradas, canais e ferrovias) assegura o encaminhamento da substância nutritiva. O segundo assegura o equivalente da função do sistema nervoso. Torna possível a gestão das relações complexas entre um centro dominante e sua periferia. É o papel das informações (imprensa, petições, pesquisas) e do conjunto dos meios de comunicação pelos quais o centro pode “propagar sua influência” (correio, telégrafo, agências noticiosas). Os informes são comparados a descargas nervosas que comunicam um movimento de um habitante de uma cidade ao de outra. (MATTELART e MATTELART, 1999, p. 17).

Além de interesses econômicos, a globalização também possui uma faceta inerentemente cultural. Na verdade, quando encarada por este viés, é comum que o fenômeno assuma outras denominações, tais como aquela defendida por Renato Ortiz (1994), na qual o termo “globo” cede lugar ao termo “mundo”: referimo-nos, mais precisamente, ao que o autor entende por mundialização da

cultura. A este respeito, é importante destacar a função intersticial cumprida pelas indústrias culturais, as quais são entendidas como vetores estratégicos a serviço da reprodução da lógica capitalista<sup>6</sup>. Em geral, suas ações incidem sobre as produções simbólicas da humanidade, alinhando-as às lógicas de produção em série e à mercantilização. Com isso, ocorre então, a intensificação da clivagem entre os bens materiais e os bens abstratos.

Hall (2006) argumenta que este tipo de apropriação se mostra decisivo no processo de formação das identidades sociais da contemporaneidade: ao despojar as culturas nacionais de sua histórica hegemonia, a cultural global tem condições de entrar em contato direto com as culturas locais. Estas, por sua vez, ao obterem acesso a novos conjuntos de significados, isto é, a novas fontes de identificação (crenças, valores, comportamentos, visões de mundo) que transcendem os limites geográficos e ideológicos dos estados-nação, tornam-se capazes de ampliar o número de arranjos identitários ao alcance de seus integrantes. Balizados pela norma do consumismo planetário como agente instituinte de eixos de pertencimento<sup>7</sup>, tais fluxos culturais também abrem espaço para o compartilhamento de identidades entre comunidades alojadas em espaços-tempos longínquos, cujas interfaces são engendradas pelos mercados intercontinentais de significados:

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do 'terceiro mundo', podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à 'aldeia global' das novas redes de comunicação (HALL, 2006, p. 74).

---

<sup>6</sup> (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

<sup>7</sup> (BAUMAN, 2009).

As noções de espaço e lugar, antes consideradas indissociáveis, hoje parecem divorciadas, uma vez que boa parcela das práticas sociais cotidianas parece não mais depender (essencialmente) da presença encarnada num *locus* fisicamente demarcado. Com o avanço e a proliferação dos sistemas ubíquos de telecomunicação, as zonas de abrangência dos produtos culturais mundializados se expandem no ritmo das transmissões radio-televisivas, das projeções cinematográficas e das trocas de mensagens instantâneas on-line. O globo terrestre assume, então, o posto de horizonte simbólico de referência para todos os povos sob o toldo da globalização e da mundialização.

Obviamente, o intercâmbio cultural entre o global e o local não é, sob o ponto de vista da construção identitária, um movimento simétrico e igualitário: oscila entre a dissolução absoluta e a afirmação radical das singularidades. De um lado, estão as indústrias culturais, movendo esforços na tentativa de generalizar significados estereotipicamente convertidos à lógica comercial; de outro, estão os grupos minoritários que, em resposta a esta tendência homogeneizante, resistem a tais introjeções, (re)afirmando traços particulares de sua comunidade, tais como histórias, crenças, memória e tradições. Esta tensão interfere de forma determinante na constituição das experiências cotidianas, sejam elas individuais ou coletivas, ainda que tal influência não seja totalmente consciente aos seus implicados:

A percepção que temos de nosso lugar no mundo depende, é claro, de como vivemos nele e de como o vemos. A esse respeito, arrisco dizer que estamos constantemente nos movendo para fora e dentro da cultura global. Passamos de estruturas locais de referência, da ordinariedade do dia-a-dia, da vizinhança, do local, para tempos e espaços que têm uma referência e definição mais extensas. Fazemos isso no trabalho e no lazer. No espaço físico e simbólico. Por vontade própria ou sob ameaça. E nesses movimentos, os movimentos de indivíduos e grupos, estamos constantemente reivindicando o direito de ser nós mesmos, reivindicando identidade, uma parte do pouco que sobra dos bens globais comuns. Invasores, violadores, terroristas,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p837>

todos. E algumas vezes com sucesso. (SILVERSTONE, 2005, p. 202-203).

Em face da indefinição e do desenraizamento que cada vez mais caracterizam o sujeito hodierno, parece-nos arriscado atestar o domínio de determinados caracteres e nichos culturais sobre outros, uma vez que a vivacidade do jogo das identidades inevitavelmente tornaria efêmero qualquer juízo a esse respeito. Por isso mesmo, soam como inviáveis as tentativas de especificar a pretensa substância simbólica intrínseca à senso comum dos indivíduos em questão, sejam quais forem os seus contextos de origem. A miríade de matrizes identitárias que se deslocam pelo território global cria novas formas de pertencimento híbridas e desterritorializadas que, por seu turno, põem sob desconfiança os esforços que almejam a circunscrevê-las. Diante disso, faz-se obrigatória a indagação: quais seriam então, os enfoques de maior fecundidade nesse cenário?

Em meio a este impasse, Silverstone (2005), novamente, oferece um conselho de grande valia:

Nossa capacidade de nos conectar, nos comunicar, nos informar, nos entreter, de modo instantâneo, insistente e intenso em qualquer lugar e em todo lugar tem profundas consequências sobre nosso lugar no mundo e nossa capacidade de compreendê-lo. Se ainda não tínhamos uma, aqui está uma ótima razão para estudar a mídia, por seu papel nisso tudo, na possibilitação e na transformação de relações sociais e culturais no palco do mundo, e em sua significância para nós enquanto cuidamos de nossas atividades diárias nesse mundo (SILVERSTONE, 2005, p. 199-200).

Ao se consolidar como um dos principais pivôs da exacerbação dos processos de circulação e diferenciação sociocultural, as mídias, de forma paradoxal, também atuam como pontos de convergência para toda essa diversidade. No enfrentamento entre modos de identificação locais e globais

dísparos, sua presença é um componente vital na interação entre diferentes nichos de significado: seja como instância que amplia feixes de troca, seja como entidade que referenda hierarquias e assimetrias de poder. Enfim, na medida em que se confirmam como plataformas, isto é, vias de acesso a horizontes culturais até então inalcançáveis – ao menos, por meio das formas de sociabilidade tradicionais – e, em certo sentido, inevitáveis, as mídias propagam sua presença ao longo de todo o território terrestre, moldando(-se a) práticas e comportamentos variados, que por sua vez, também integram as identidades daqueles que os perpetuam.

### **Controvérsias acerca dos “filhos” da cultura digital**

No ano de 2001, veio a público o célebre artigo escrito pelo norte americano Marc Prensky, "*Digital Natives, Digital Immigrants*". Mesmo não sendo o precursor das discussões sobre identidades infantojuvenis no contexto da cultura digital, este trabalho tem sido considerado um dos trabalhos de maior impacto sobre o tema nos últimos anos. Nessa ocasião, Prensky (2001) afirmou que a crescente onda de popularização das novas tecnologias de informação e comunicação tem contribuído para o surgimento de um novo tipo de cisão sociogeracional, a qual é sustentada pelas diferenças nos níveis de desenvoltura através dos quais crianças/jovens e adultos, respectivamente, incorporam e mobilizam recursos midiáticos em suas práticas cotidianas.

Foi diante do desafio de ilustrar esta diferenciação, que o autor decidiu lançar mão de uma metáfora tipicamente antropológica e que, de algum modo, viraria a marca registrada de seus trabalhos vindouros: aos jovens que desde a mais tenra idade convivem com as mídias digitais, entre as quais figuram, por exemplo, os computadores, a internet, os *smartphones* e os videogames, deu o

apelido de nativos digitais; enquanto os indivíduos das gerações anteriores que, no geral, tiveram as formas de comunicação massiva (TV, cinema e impressos) como sua principal referência cultural, receberam a alcunha de imigrantes digitais. Em linhas gerais, enquanto os nativos têm as novas tecnologias como sua língua materna, sendo capazes de utilizá-las de modo fluente e sofisticado, os imigrantes, por sua vez, enfrentam dificuldades em estabelecer com elas uma relação coesa, exatamente como as pessoas que, vivendo num país estrangeiro, são obrigadas a se comunicar por intermédio de uma língua que acabaram de aprender.

Entre as várias implicações dessa disparidade, Prensky (2001) enfatiza aquelas que repercutem diretamente sobre os sistemas educacionais. Nesse sentido, argumenta que grande parte das críticas direcionadas à educação norte-americana tem origem na incompatibilidade existente entre os modelos pedagógicos oficiais e os novos perfis dos educandos. Em decorrência disso, acredita que as escolas e seus modelos de organização hegemônicos não estão preparados para lidar com as novas gerações, uma vez que estes indivíduos guardam diferenças radicais em relação a seus pais e avós. Segundo ele, tais transformações não residem apenas na aparência, isto é, nas maneiras de vestir, andar e falar. Trata-se de uma série de transformação que afetam os modos pelos quais os jovens raciocinam e processam informações. Na medida em que nascem e crescem em meio a um ambiente altamente midiático, essa geração desenvolve um conjunto de estruturas cerebrais ajustadas às experiências que estes mesmos aparelhos proporcionam, estimulando o surgimento de esquemas cognitivos especiais. Com base em seus padrões de comportamento aparentes, o autor apresenta como características dos nativos digitais: a) lógica multitarefa – fazem os deveres de casa, enquanto ouvem música e trocam

mensagens *online* com os amigos; b) predileção por imagens, ao invés de palavras; c) raciocínio não-linear; d) necessidade de *feedbacks* imediatos.

Em que pesem as limitações identificadas na compreensão de Prensky (2001), convém reconhecer que as suas reflexões obtiveram ampla absorção, germinando em diferentes campos e disciplinas, além de dar margem à proliferação de outros dualismos e metáforas similares. A título de exemplo, podemos mencionar o trabalho dos holandeses Ben Vrakking e Wim Veen (2008), no qual é apresentada outra analogia curiosa para explicar o papel da tecnologia no processo acirramento das diferenças sociocognitivas entre as gerações. Resumidamente, os autores parecem insinuar que as discrepâncias existentes entre crianças e adultos remetem a uma espécie de estado transitório, através da qual os seres humanos caminham em direção a um novo elo evolutivo: trata-se da passagem do *Homo Sapiens* para o *Homo Zappiens*. Em termos de caracterização, este arquétipo parece avançar pouco em relação às demais discussões sobre a identidade da juventude *high-tech*, trazendo poucas novidades a respeito. Mesmo assim, vale destacar que o termo "*Zappiens*", nesse caso, alude ao neologismo zapear: termo usualmente aplicado para designar o hábito de transitar, intuitiva e compulsoriamente, por entre diferentes canais de informação – comportamento facilmente observável em indivíduos que assistem televisão.

No rastro de outros debates articulados à cibercultura, a problemática envolvendo os perfis e identidades infantojuvenis também produz suas próprias querelas, isto é, embates teóricos instigados por atritos entre concepções binárias, que não raro se polarizam entre o bloco dos "otimistas" e o dos "pessimistas". De um lado, encontram-se aqueles que enaltecem o papel salutar exercido pelas tecnologias sobre as novas gerações, especialmente no que se refere à preparação para os desafios do futuro que se descortina; do outro,

aqueles que as consideram causas da degenerescência de uma pretensa bondade e inocência intrínsecas às crianças e jovens, tornando-as mais suscetíveis a toda sorte de condutas socialmente nocivas – como a rebeldia e a erotização precoce. Embora também existam leituras menos radicais, podemos admitir que o protagonismo nestas batalhas ficou por conta das vertentes menos moderadas<sup>8</sup>. Ainda que suas tensões estejam aparentemente mitigadas, sabe-se que os debates concernidos nessa problemática permanecem vivos<sup>9</sup>.

Entre as reflexões inscritas neste antagonismo, vale destacar a de Buckingham (2007), na qual reúne diferentes representantes<sup>10</sup> de ambas as correntes, identificando os principais argumentos e pressupostos diluídos em seus trabalhos. Curiosamente, suas conclusões indicam que, mesmo diante de propostas diametralmente opostas, estas perspectivas se revelam altamente congruentes no que se refere ao tipo de racionalidade empregada no trato das relações entre a sociedade e os meios de comunicação. Nesse sentido, o autor infere que tais visões estão densamente permeadas por princípios deterministas e unilaterais que negligenciam inúmeras das contradições fundamentais do problema. Entre as principais, estão aquelas concernidas no caráter plural da condição infantojuvenil, que, distanciando-se de idealizações clássicas, abarca um conjunto diversificado de experiências não necessariamente alinhadas às suas descrições mais populares. Por conta disso, diz ele, estas correntes se

---

<sup>8</sup> Mais informações em Buckingham (2007).

<sup>9</sup> Entre os exemplos mais recentes da vitalidade do debate, convém mencionar o livro organizado por Mark Bauerstein, "*The Digital Divide*". Trata-se de uma compilação contendo um conjunto de perspectivas de diferentes estudiosos de campos como a comunicação, educação e linguística, os quais oferecem visões díspares e até mesmo polarizadas em relação à natureza dos impactos das novas tecnologias nas identidades das novas gerações.

<sup>10</sup> No viés denominado "a morte da infância", encontram-se nomes como os de Joshua Meyrowitz, Barry Sanders, Shirley Steinberg, Joe Kincheloe e Neil Postman – provavelmente seu maior expoente. Na direção oposta, onde se encontra a categoria intitulada "a geração eletrônica", são mencionados Don Tapscott, Seymour Papert, Jon Katz e Douglas Rushkoff.

revelam igualmente incapazes de nortear a formulação de políticas culturais, seja em função do sentimentalismo saudosista, seja em razão do romantismo visionário.

No cerne do discurso que ampara a aclamada geração digital, Buckingham (2008), ao retomar o debate num momento posterior, também nota a presença de fortes inspirações propagandísticas. Sabendo das oportunidades oferecidas pelas mídias digitais, os autores desta vertente – entre os quais, inclui-se o próprio Prensky – tendem a levar em conta somente os comportamentos de maior valor simbólico, isto é, aqueles dotados de maior potencial persuasivo, sem necessariamente se ater à sua representatividade perante as demais tendências inscritas no grupo em questão – as crianças e os jovens. Em outras palavras, estes trabalhos coincidem em seu anseio indeclarado de confirmar como regra as ocorrências que, de acordo com o contexto em evidência, podem não passar de exceções.

A título de reforço, vale mencionar as principais críticas endereçadas por Buckingham (2008) a este modelo, bem como às suas respectivas caracterizações:

- Contrariando boa parte do senso comum acadêmico, a maioria dos jovens que usam a internet diariamente não promovem usos necessariamente inovadores e criativos, mas, na verdade, apenas se comunicam e trocam informações de modo trivial;
- Embora sua existência seja um fato, os “ciberjovens” de imaginação popular empoderada ainda são a minoria;
- Normalmente, as tarefas de produção multimidiática exigem condições infraestruturais básicas (computadores, *softwares* de última

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p837>

geração, internet banda larga), as quais nem sempre são acessíveis aos membros de classes menos abastadas;

- Estudos já constataram que os jovens podem ser muito menos “fluentes” e alfabetizados tecnologicamente do que a maior parte desses autores admite: são muitos os jovens que enfrentam, por exemplo, dificuldades em promover usos competentes de ferramentas de pesquisa on-line, o que sugere que a sua desenvoltura neste tipo de tarefa não é necessariamente maior que a dos adultos<sup>11</sup>;
- Essa atuação, por sua vez, costuma se concentrar na dimensão do consumo, isto é, na fruição de bens e serviços mediados pelas tecnologias, em contraste com a sua faceta cívica, cuja lenta evolução dá a entender que as mídias ainda são pouco exploradas no plano da cidadania e de seu exercício pleno.

Estas observações nos levam a um outro ponto de tensão importante: passados exatos 15 anos desde a apresentação das teses de Marc Prensky, como estarão hoje os indivíduos identificados naquele período como nativos digitais, agora que já se tornaram adultos? Foram “substituídos” por uma nova geração, que atribui um novo status (e novas características) a esta categoria? Ou permanecem no posto de “vanguarda”, rompendo definitivamente com a cisão geracional promovida pela crescente absorção das novas tecnologias no âmbito cultural?

As questões são evidentemente complexas e sublinham alguns dos pontos cegos e ambiguidades à sombra do problema. Por isso, mais do que nunca, entende-se que o seu trato exige um olhar atento e multidimensional, pronto

---

<sup>11</sup> Para maiores detalhes, ver: <http://www.lanacion.com.ar/1969299-nativos-digitales-que-naufragan-en-el-mar-de-la-web>

para concatenar os diferentes determinantes implicados neste tipo de mudança social. Afinal, algumas

[...] diferenças entre as gerações são uma função perene da idade – os interesses de jovens e velhos são obrigados a divergir de forma sistemática e previsível – mas outras são uma consequência de desenvolvimentos históricos mais amplos, que incluem a mudança tecnológica. Mesmo assim, o surgimento de uma assim chamada ‘geração digital’ só pode ser adequadamente compreendida à luz de outras mudanças – por exemplo, na economia política da cultura juvenil, as políticas sociais e culturais e as práticas que regulam e definem a vida dos jovens, e as realidades de seus ambientes sociais cotidianos<sup>12</sup> (BUCKINGHAM, 2008, p. 15, tradução nossa).

Mesmo diante do esgotamento de controvérsias afim, os debates baseados neste tipo de oposição ainda pulsam. Contudo, o determinismo divergente que os sustentou em suas fases iniciais parece ter perdido terreno. Em seu lugar, cada vez mais presente nestas discussões, está a consciência acerca do caráter ambivalente do tema, tendência que favorece à confluência de perspectivas que antes eram consideradas inconciliáveis em virtude da unilateralidade e maniqueísmo de suas interpretações.

Tais mudanças podem ser percebidas em trabalhos mais recentes<sup>13</sup>, como o de Palfrey e Gasser (2011), no qual são esmiuçadas as diferentes facetas intrínsecas às experiências culturais dos nativos digitais. Entre os tópicos abordados nesta ocasião, encontra-se a já debatida construção identitária.

---

<sup>12</sup> “[...] differences between generations are a perennial function of age — the interests of the young and the old are bound to diverge in systematic and predictable ways — but others are a consequence of broader historical developments, which include technological change. Even so, the emergence of a so-called ‘digital generation’ can only be adequately understood in the light of other changes — for example, in the political economy of youth culture, the social and cultural policies and practices that regulate and define young people’s lives, and the realities of their everyday social environments.”

<sup>13</sup> Para maiores detalhes a respeito, também recomendamos o relatório de pesquisa organizado por Mizuko Ito (2008), intitulado “*Living and learning with new media*” (vivendo e aprendendo com as novas mídias), no qual são esmiuçadas algumas questões pertinentes às inserções das novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano de crianças e jovens. Disponível em: <http://digitalyouth.ischool.berkeley.edu/files/report/digitalyouth-WhitePaper.pdf>.

Nesse sentido, os autores declaram que, se por um lado, a possibilidade de tornar públicas quaisquer informações a seu respeito atua como elemento empoderador de suas ações expressivas, distribuindo-se por entre sites de relacionamento, blogs e redes sociais; por outro lado, a desmesura na disseminação de dados pessoais em ambientes online, agrega ainda mais dificuldade à tarefa de gerir as referências que compõem a sua imagem social, dando margem a manipulações e intimidações capazes de descaracterizá-la.

De qualquer maneira, se é verdade que os discursos acerca da geração digital requerem cautela em sua interpretação e reprodução, em grande parte, devido a seus eventuais abusos de floreios e generalizações a respeito dos comportamentos infantojuvenis, também não há motivos para deixar de reconhecer seus “fundos de verdade”. Trata-se de um contexto de intensa mudança, e como tal, rico em possibilidades ligadas ao fortalecimento coletivo e individual da autonomia, ao estreitamento de laços sociais, à multiplicação das formas de expressão e à ampliação dos canais de participação na esfera pública. Por outro lado, nas veredas da selva tecnológica, também espreitam riscos capazes de minuar todas essas oportunidades, mantendo-as em estado latente, inertes.

Uma mirada à América Latina pode revelar alguns dos atritos e contradições presentes na condição juvenil contemporânea. Para Canclini (2009), os jovens dessa região são introduzidos à globalização a partir de posições de sujeito diversas, entre as quais, sobressaem as de consumidor e trabalhador. Em ambos os casos, está posta novamente a articulação (não-harmônica) entre cultura e economia, a qual, sob a ótica do autor, incide diretamente sobre a exclusão e a segmentação desigual decorrentes da modernização nos termos neoliberais.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p837>

Como trabalhadores, oferece-se a elas [às novas gerações] que se integrem a um mercado liberal exigente em qualificação técnica, flexível e, portanto, instável, cada vez menos protegido por direitos trabalhistas e de saúde, sem negociações coletivas nem sindicatos, no qual devem buscar educação para, no fim, achar menos oportunidades. No consumo, as promessas do cosmopolitismo são frequentemente impossíveis de cumprir, dado que ao mesmo tempo se encarecem os espetáculos de qualidade e se empobrecem – devido à crescente evasão escolar – os recursos materiais e simbólicos da maioria (CANCLINI, 2009, p. 211).

Em meio a um contexto impregnado por novos e antigos confrontos entre centro e periferia, emergem algumas indagações que precisam ser enfrentadas, tais como: de que modos podem ser organizados os processos de formação e socialização para que sejam superados não apenas os desafios ligados à integração cultural planetária, mas também às assimetrias de poder instaladas no plano econômico e geopolítico? Num mundo cada vez mais interessado em dinâmicas interculturais genuinamente democráticas e capazes de agir como catalisadores da pluralidade, até que ponto são úteis categorias que incitam diferenças (ou mesmo rixas) intergeracionais – como aquelas existentes entre “nativos” e “imigrantes digitais”?

Nas atuais circunstâncias, esse tipo de projeção teima em ser motivo de divergência, acirrando ainda mais as já referidas tensões entre as comunidades locais, a economia global e as indústrias culturais. Ainda assim, um dos raros pontos de apoio oferecidos pelo debate diz respeito à crença de que novas experiências resultam, de fato, em novas habilidades e, portanto, no nascimento de desafios para a educação. Não é sem motivo que neste tipo de conjuntura as atenções estejam propensas a se voltar às atividades ligadas ao ensino e à aprendizagem, haja vista sua capacidade de traduzir as utopias e promessas do “novo mundo” para a linguagem dos projetos pedagógicos e das ações concretas. Em termos de demanda imediata, este movimento tem enfatizado

tarefas como: identificar os usos regulares e as práticas culturais atinentes às mídias; observar suas prováveis fontes de inovação, retirando-as de seu estado bruto/marginal e submetendo-as a rigorosos processos de análise e sistematização; e por fim, inseri-las em propostas educacionais abertas e de grande alcance social.

### Referências

ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUERLEIN, Mark. Introduction. BAUERLEIN, Mark (Org.). **The digital divide.** London: Penguin Group, 2011.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. Introducing Identity. In: BUCKINGHAM, D. (Org.). **Youth, Identity, and Digital Media.** Cambridge, MA: The MIT Press, p. 1-24, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados:** Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado:** o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p837>

ITO, Mizuko. **Living and Learning with New Media:** Summary of Findings from the Digital Youth Project. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michelè. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Edições Loyola, 2011.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALFREY, John. GASSER, Urs. **Nascidos na era digital:** entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PRENSKY, Mark. Digital natives, digital immigrants. Lincoln: MCB University Press, **On The Horizon**, Vol. 9 No. 6, outubro, 2001a.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

VEEN, Wim.; VRAKING, Ben. **Homo Zappiens.** Porto Alegre: Artmed, 2009.